ARTE E LINGUAGEM II.

Módulo III

Percrusos de Abordagens em Arte Visual.

ARTE . VISUAL . ENSINO

Ambiente Virtual de Aprendizagem

Professor Doutor

Isaac Antonio Camargo

Tópico 6

Rudolf Arnhein e a Psicologia da Forma.

Cursos de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado
Faculdade de Artes, Letras e Comunicação
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Arnhein é psicólogo e desenvolve a Psicologia da Forma explicitada no livro: *Arte e Percepção Visual*, baseada Teoria da Gestalt fundada pelos psicólogos pesquisadores Max Wertheimer, Kurt Kofka e Wofgang Köhler, no início do século XX. Gestalt, do alemão, indica Configuração ou Padrão o que os leva a defender que a melhor abordagem dos fenômenos psicológicos se dá pelo todo e não pelas partes. Os organismos, segundo eles, percebem a Gestalt e não as partes, logo, consideravam que “o todo é mais do que a soma de suas partes”. Esta teoria vai influenciar a Arte.

Para Arnhein a Teoria da Gestalt é suficiente para fundamentar e explicar como a apreensão e configuração das estruturas visíveis das manifestações em Arte Visual são interpretadas pelo cérebro. Com isto identifica uma espécie de Código ou Linguagem recorrente e inteligível. Seu trabalho acaba servindo de base para muitos estudiosos, analistas e pesquisadores para justificar boa parte das manifestações artísticas nas décadas de cinquenta e sucessivas do século passado.

A *Gestalt*, apresenta quatro princípios em relação à percepção de Forma:
1- Tendência à Estruturação,
2- Segregação Figura-Fundo,
3- Pregnância ou boa forma e
4- Constância Perceptiva.
No contexto da Arte Visual, a Gestalt entende que ela se funda na Pregnância da Forma, ou seja, o todo estruturado dependente de relações e não elementos ou aspectos parcionados. A Gestalt parte do pressuposto de que as relações psicofisiológicas ocorrem a partir dos sentidos, como a visão por exemplo, mas é um processo consciente e que a apreensão sensível do olho já é automaticamente estruturada pelo cérebro, portanto, ao ver algo, isto é automaticamente configurado pelo processo fisiológico cerebral, portanto, a compreensão é imediata.

O cérebro é, neste caso, um sistema dinâmico e autorregulador, baseado no princípio da Pregnância, no qual procura sua própria estabilidade ao organizar as formas em estruturas totalizantes, unificadas e coerentes. Este sistema cerebral não depende da vontade, é natural e espontâneo, para eles não há uma relação direta entre motivação e percepção. O que se pode aceitar é que, tão logo, as configurações são obtidas, o processo de compreensão passa para outro patamar se assim for necessário. Neste sentido uma coisa é a percepção da formas e outra a apreensão de sentidos e significados.

A tendência à estruturação pode explicar como se distingue grupos de estrelas atribuindo nomes a diferentes constelações. Outro exemplo é a chamada Proporção Áurea utilizada ou reconhecida desde a antiguidade como uma garantia de “racionalidade, proporcionalidade e beleza” ou ainda a Sequência de Fibonacci, utilizada para justificar a relação da natureza com a Arte. Estes exemplos tentam explicar o motivo pelos quais há configurações agradáveis aos olhos humanos. Também explicam porque alguns períodos artísticos recorrem a eles. Explicam também porque a publicidade, os designers e criadores de marcas recorrem a formas pregnantes, concisos e de recursos óticos para produzir imagens em comunicação, informação e sinalização. A funcionalidade da Gestalt é útil.

Contudo à Arte Visual não basta ser útil é necessário ser muito mais do que isto. Há componentes sociais, culturais, étnicos, antropológicos, psicológicos e tantos outros que não podem ser reduzidos a simples configurações formais. Em parte, a Teoria da Gestalt poderia ajudar a confirmar a ideia de que as manifestações artísticas podem ser entendidas como “linguagem” já que depreender sentidos e significações de formas e cores, texturas, grupamentos, organização e desorganização formal seria possível, especialmente com relação às manifestações artísticas abstratas.

Neste sentido, a Isto já havia sido intuído e tentado por Wassily Kandinsky em suas duas publicações: *Do Espiritual na Arte* e *Ponto e Linha frente ao Plano*. Contudo, com o passar do tempo e a supressão das teorias psicológicas pela Neurociência, isto acabou não obtendo resultados convincentes em todos os casos. Mesmo que a Gestalt não tenha conseguido manter-se como um processo de análise ou leitura definitivo, ainda assim é útil no que diz respeito às avaliações das Obras de Arte no que diz respeito à sua apreciação plástico-visual. Por isto vale a pena abordar aqui esta teoria.

Arnhein desenvolve sua proposição a partir dos pressupostos da Gestalt, portanto parte da ideia de que a apreensão da Obra de Arte não é passiva, mas ativa e motivada pela organização depreendida pelos os olhos e organizada pelo cérebro. Suas análises recorrem a algumas categorias que envolvem elementos como: Forma, Cor, Luz, Espaço, Movimento e Expressão. Tais elementos são portadores de significado psicológicos que implicam em sensações como Tensão, Direção, Organização, Equilíbrio etc. Portanto, suas análises partem da estruturação da forma em busca dos sentidos.

É necessário alertar para o fato de que Arnhein não é artista, mas psicólogo, portanto seu ponto de vista é restrito à sua área de atuação, portanto suas conclusões se baseiam na percepção que se tem de determinadas configurações e não nas proposições artísticas como tais. Embora tenha influenciado vários analistas, estudiosos, artistas e contribuído, inclusive, para os estudos no campo das análises de Obras de Arte é necessário entender que se trata de uma abordagem psicológica. relativizar esta abordagem.

Seus estudos não se orientam pelas teorias artísticas, como a Estética, partem da observação das imagens, sejam da Arte ou fora dela, e inferem recorrências que não são, necessariamente, replicáveis em todas a situações. É preciso alertar para o fato de que esta proposta tende a valorizar o que considera “eficiente” como construção visual identificando aspectos e valores como parâmetros ou padrões para determinar se uma Obra de Arte tem ou não qualidade para ser aceita ou validada como tal. Neste sentido propõe “regras” que se tornaram anacrônicas na contemporaneidade.

Ainda hoje é comum encontrarmos pessoas que tomam seus estudos como definitivos aplicando-os a criação. Um dos campos que se beneficiou e instrumentalizou tais procedimentos foi o da comunicação visual, da publicidade e alguns segmentos do Design. No entanto, no contexto da Arte Visual ainda serve para identificar a organização de estruturas formais, mas não serve para exercer análises críticas mais profundas ou conceituais na Arte Contemporânea.

Tomando estas premissas como pressupostos, pode-se tratar a abordagem psicológica como um recurso para analisar certos tipos de Obras de Arte, especialmente aquelas que operam com imagens não figurativas e algumas que lidam com abstrações. Contudo, isto não significa um conjunto de regras aplicáveis, codificadas e decodificadas de modo lógico significativo, apenas que é uma das muitas possibilidades de análise disponíveis para aproximar-se da Arte Visual, como fez Arnhein.

Seu trabalho se destina a identificar os efeitos psicológicos produzidos pelas estruturas e organizações formais. Defende que tais efeitos determinam a eficiência e a qualidade das Obras de Arte já que o ser humano é naturalmente orientado a buscar, gostar e valorar padrões. Ou seja, é “contaminado” por padrões e lugares comuns, portanto, para que “goste” ou aceite algo como bom ou adequado, deve estar impregnado de tais valores perceptivos. Aqui entram as 4 “leis” da Gestalt.

Não se deve ignorar que seus estudos tomaram obras bidimensionais, planas e fixas ou representadas como imagens, portanto, nesta circunstância, dizem respeito a uma só parte das configurações visuais e não a todas as outras que compreendem o mundo tridimensional e suas condições cinéticas. Parte do princípio de que a *Forma* é apreendida em sua totalidade e as partes são apreendidas depois. Significa que quando se vê um quadro, vê-se o quadro todo, depois seus detalhes.

Numa configuração visual de uma paisagem, por exemplo, há uma tendência à simplificação, as massas de cores e formas são apreendidas pelo todo e posteriormente, são identificados seus detalhes como árvores, galhos, flores, frutos e demais detalhes que compõem a cena. A Forma seria então a primeira versão visível das coisas, os contornos, limites, aparência e cores. Nesta apreensão sensível, entram também o conhecimento das coisas que auxiliam a entende-las.

Diz que os “sentidos” das formas dependem da habilidade de representação, de hierarquias espaciais e modos como as figuras são dispostas. Um dos efeitos perceptivos fundamentais defendidos por ele é o *Equilíbrio*. O Equilíbrio depende da compensação e equivalência entre as formas e as tensões visuais perceptivas distribuídas na superfície. O Efeito Psicológico do Equilíbrio é a sensação de Repouso e qualquer ruptura dele implica em “invalidação” da imagem (p.9).

Considera que a memória que se tem do mundo natural contamina o mundo das imagens e que certas apreensões perceptivas adotam a compreensão do que já se tem do mundo. Há uma tendência a continuar a orientação de uma linha ou figura além do quadro, já que a indicação direcional pode levar para fora da área configurada. Isto tende a ocorrer quando as manifestações lidam com o Espaço da imagem tomando por referência o espaço do mundo natural.

Outro efeito é o da Luz. Quando a luminosidade é construída no contexto das imagens à semelhança do mundo natural, com gradientes de luz e sombra, entende-se como luz natural, quando arbitrária, entende-se como simbólica. O mesmo é dito em relação à Cor. A proximidade ou afastamento do mundo natural faz diferença nos efeitos perceptivos obtidos. Quando se parece com a natureza é mais acessível aos sentidos, quando se afasta, menos acessível.

O uso da cor como procedimento para produzir sentidos também são considerados. O uso de cores Complementares para produzir efeitos dramáticos, opostos e dinâmicos confrontam-se com o uso de cores Análogas para estabelecer sensação de estabilidade.

Em relação ao Movimento Cinético diz que são mais atrativos ao olhar coisas que se movem em detrimento de coisas que estão paradas. Em termos de efeito perceptivo, a sucessão de elementos é um indicador de Movimento.

Considera que há composições visuais estáveis e dinâmicas de acordo com as tensões implicadas nas formas que denotam ou conotam movimento.

Por fim diz que toda Obra de Arte deve Expressar algo. Isto também implica nas experiências que se tem relacionadas aos temas, assuntos, formas e demais elementos constituintes das qualidades cromáticas e luminosas. Considera que as tensões decorrentes da configuração visual determinam a expressividade.

1. Como e quando surgiu a teoria da Gestalt, qual seu significado e quais seus fundadores?

2. Descreva os quatro princípios da Gestalt relacionados à percepção da Forma.

3. Segundo Arnheim, qual é a diferença entre "percepção da forma" e "apreensão de sentidos e significados"? Por que ele considera que a apreensão de uma Obra de Arte não é passiva?

4. Quais são as seis categorias ou elementos que Arnheim utiliza para analisar as Obras de Arte e por que as "regras" de eficiência visual propostas pela Gestalt se tornaram anacrônicas para a Arte Contemporânea, mas continuam úteis em campos como publicidade e Design?

5. Quais são as limitações da abordagem de Arnheim apontadas pelo texto em relação ao tipo de obras estudada: bidimensionais, tridimensionais, fixas, cinéticas?